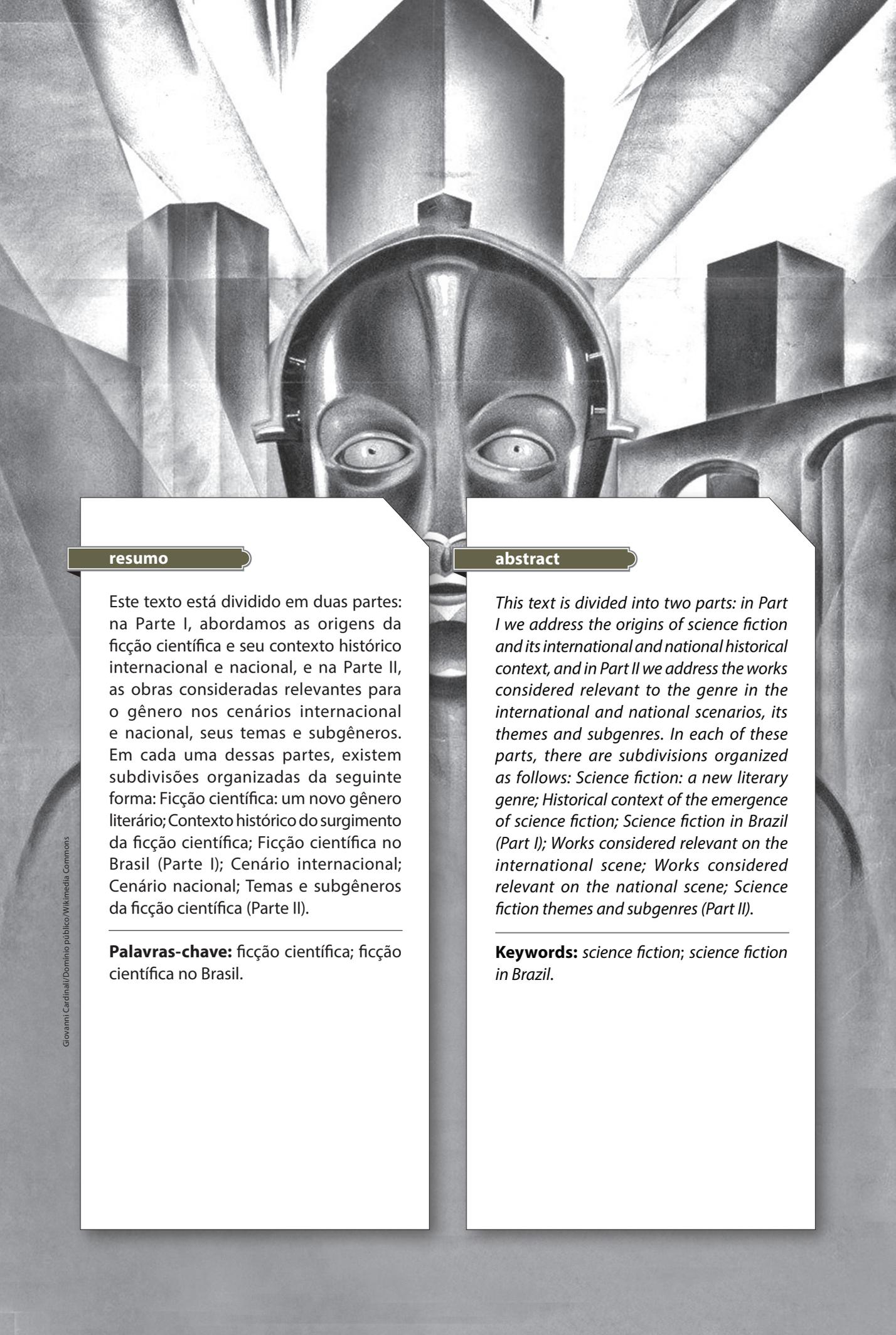


Ficção científica – breve panorama histórico

Romy Schinzare



resumo

Este texto está dividido em duas partes: na Parte I, abordamos as origens da ficção científica e seu contexto histórico internacional e nacional, e na Parte II, as obras consideradas relevantes para o gênero nos cenários internacional e nacional, seus temas e subgêneros. Em cada uma dessas partes, existem subdivisões organizadas da seguinte forma: Ficção científica: um novo gênero literário; Contexto histórico do surgimento da ficção científica; Ficção científica no Brasil (Parte I); Cenário internacional; Cenário nacional; Temas e subgêneros da ficção científica (Parte II).

Palavras-chave: ficção científica; ficção científica no Brasil.

abstract

This text is divided into two parts: in Part I we address the origins of science fiction and its international and national historical context, and in Part II we address the works considered relevant to the genre in the international and national scenarios, its themes and subgenres. In each of these parts, there are subdivisions organized as follows: Science fiction: a new literary genre; Historical context of the emergence of science fiction; Science fiction in Brazil (Part I); Works considered relevant on the international scene; Works considered relevant on the national scene; Science fiction themes and subgenres (Part II).

Keywords: science fiction; science fiction in Brazil.

FICÇÃO CIENTÍFICA – ORIGENS E CONTEXTO HISTÓRICO DO GÊNERO

Ficção científica: um novo gênero literário

O termo “ficção científica” (FC) é uma tradução do inglês *science fiction*. Tido como uma nova forma de literatura, o rótulo surge nos Estados Unidos pela primeira vez (na variante *scientifiction*) na revista *Amazing Stories*, em 1926 (Roberts, 2018)¹. A publicação, logo seguida por várias outras, marca o início do uso do novo gênero de *pulp fiction*, formado em revistas de ficção baratas

que foram publicadas de 1896 até o final da década de 1950.

A FC surge como um tipo de narrativa que entrelaça fato científico com visão antecipativa. O texto era apresentado em forma de contos e novelas (geralmente serializadas). Seus leitores buscavam-na como literatura de entretenimento, educação científica ou estímulo a novos inventos. Segundo Léo Godoy Otero (1987), “Hugo Gernsback convenceu

1 A introdução apresenta o uso do termo *science fiction* como anterior ao século XX. No entanto, esse primeiro uso não designava um gênero literário estabelecido, mas uma atitude poética de realismo conforme a verdade científica (segundo *Brave New Words: The Oxford Dictionary of Science Fiction*, de Jeff Prucher).

ROMY SCHINZARE é professora do ensino público municipal de São Paulo e ficcionista, autora de, entre outros, *Apócrifos do futuro* (Editora Patuá).

o mundo de que de fato existia uma forma de literatura chamada FC. Sua preocupação com o rigor científico e a clareza, para o bem ou para o mal, estabeleceu a natureza distinta do gênero FC” (Westfall, 2021).

Com a acolhida dessas revistas, novos escritores são encorajados a publicar, levando à ascensão do gênero e fazendo com que fossem se delineando as bases da especulação sobre invenções tecnológicas e teorias científicas. Houve uma profusão de temas e publicações. Ainda segundo Otero (1987, p. 90), esse momento representou um “jorro de imaginação, predominante fantasia, [que] submergirá a capacidade dos leitores em discernir o que era ‘realidade futura’, extrapolação científica, misticismo pseudocientífico e também charlatanismo, tal era a confusão reinante, a miscelânea de temas, nessa parafernália espacial”.

Contexto histórico do surgimento da FC

A FC é gestada no século XVIII, num cenário pós-Revolução Industrial, mas se estabelece nos séculos XIX e XX, no contexto histórico do desenvolvimento anglo-americano com o advento da indústria, da máquina, da especialização, da técnica e da automação. Também porta valores trazidos pelos ideais positivistas, corrente filosófica que surgiu na França no início do século XIX e defendeu o conhecimento científico como a única forma de conhecimento verdadeiro. Os positivistas não consideravam os conhecimentos adquiridos através de crenças religiosas, superstição ou qualquer outro do campo espiritual, intuitivo ou transcendente, apenas os que pudessem ser comprovados

cientificamente. Como observa Flávio Raimundo Giarola (2016):

“Atrelado a esse contexto de mudança de mentalidade, a partir do século XIX surgiu um novo gênero literário, que buscava prever as etapas posteriores da evolução do homem. A ficção científica imaginava mundos fantásticos, futuros não apenas diferentes do presente, mas também marcados pelo mais alto grau de avanço tecnológico do homem. Nessa nova literatura, o cientista era colocado como agente do progresso. Ele determinava futuros possíveis, que mostrariam o constante aperfeiçoamento da humanidade. Os pioneiros da ficção científica também se inspiravam naquilo que era considerado o maior produto do engenho humano, as máquinas, para projetar um amanhã no qual estas estivessem cada vez mais a serviço do homem”.

Os avanços nas áreas da física, química, biologia e astronomia estabeleceram as bases da FC. O lugar antes ocupado por magia e crença passou a ser ocupado por cientistas e máquinas. Apesar de muitos escritores de FC surgirem entre profissionais dessas áreas, eles escreviam na qualidade de artistas, não de cientistas. Trabalhavam com antecipações possíveis de fatos, buscando verossimilhança. Sendo assim, tratava-se de uma literatura de *especulação* sobre futuros possíveis, ou de uma literatura de *antecipação*.

“A FC é um método literário eminentemente especulativo, cuja constante deve ser a ciência para a qual são estabelecidos fatos, os quais, uma vez laborados no tempo, venham a produzir uma nova situação, uma nova estrutura para a ação humana. Inspirada no

bom senso, permite, ou recusa, à imaginação do autor avançar, ou não, além do possível, bem como contradizê-lo” (Otero, 1987, p. 15).

Neste universo, o homem passa a imaginar o que não existe, deduz e presume eventos futuros, usando o conhecimento de sua época. Nesta medida, a FC faz com que se compreenda melhor o seu tempo e avance em hipóteses rumo ao futuro. Interessante observar que muitas projeções feitas por escritores de FC acabaram por se concretizar. A liberdade em criar e imaginar permitiu que navegassem por caminhos mais “permissivos” que a ciência em questão, fazendo com que a FC fosse vista como literatura do *porvir* que pensa na ciência, na tecnologia e seus impactos e consequências para a sociedade, para os indivíduos:

“Recuando-se bastante no tempo, pode-se dizer que nasceu a ficção científica desde quando o homem começou a imaginar coisas que não existiam na sua época; contudo, através de conhecimentos adquiridos, poderia deduzir ou presumir achados e eventos futuros. Se havia a biga romana tirada por cavalos, poderia existir, um dia, o automóvel. Se havia o moinho de vento, poderia haver, também, o moinho elétrico” (Otero, 1987, p. 15).

Para Nelson de Oliveira, a FC arranca o leitor do que ele chama de “letargia do perpétuo presente”, em que a rotina e a incapacidade de se maravilhar com o mundo imperam. Outro mundo, onde antes não havia algumas coisas, agora existe: “Duzentos anos atrás não sabíamos da existência dos micróbios. Não existiam o antibiótico e o transplante de órgãos. Não sabíamos da

existência de outras galáxias, e a pequena Via Láctea era todo o universo conhecido. Hoje, observamos o infinito e aceleramos partículas para saber de que é feito o universo. Daqui a duzentos anos o que haverá?” (Oliveira, 2018, p. 12).

Somente em 1930 o termo “ficção científica” (*science fiction*) é difundido no cenário internacional. Isso ocorre através da revista americana *Wonder Stories*, fundada por Hugo Gernsback e publicada sob vários títulos de 1929 a 1955. Gernsback é considerado o pai da ficção científica em revista, envolvido com criação, divulgação e disseminação do gênero, atuando como escritor, editor e crítico literário. A partir daí o termo “ficção científica” correu o mundo e passou por transformações, com alguns avanços e alguns retornos para reafirmar conceitos antigos.

Em 1940, John W. Campbell Jr., na revista *Astounding Stories*, propõe que a FC seja considerada um meio literário semelhante à própria ciência. J. O. Bayley, no pioneiro estudo *Pilgrimsthrough space and time* (1947), identifica a FC como uma narrativa imaginária com aventuras e experiências possíveis para a ciência. Judith Merrill, um dos poucos nomes femininos na FC na década de 1950, retorna no tempo e adota o termo “ficção especulativa” (1947) de Robert A. Heinlein, cujo objetivo é explorar, descobrir, aprender, por meio de projeção, extrapolação, analogia e experimentação de hipóteses, algo sobre a natureza do universo, do homem, ou realidade, com uso de método científico. Para Merrill, observação, hipótese e experimento, no entanto, incluem histórias que retratam mudanças sociais. Na década de 1960, o Reino Unido retoma o uso do termo para designá-la como literatura, não escrita para cientistas.

Em 1986, Aldiss defende o romance gótico gerado na revolução industrial e científica, do início do século XIX, como uma das raízes do gênero. Críticos mais recentes, como Brian M. Stableford, veem a ficção científica de gênero internacional em uma tradição vinda do século XIX, e contestam aquelas definições que a atrelam à evolução das revistas americanas. Na década de 1970, nos EUA, a FC entra em salas de aula com tentativas mais rigorosas de defini-la, de forma didática. Em 1972, Darko Suvin traz o conceito que diferencia a FC através do que chamou de *novun*, uma coisa nova, alguma diferença entre o mundo da ficção e o que classifica como “ambiente empírico”, o mundo real lá fora. Em 1975, Robert Scholes insere o conceito de “fabulação estrutural” – que compartilha as iniciais de SF (*structural fabulation*) –, segundo o qual a ficção científica nos oferece um mundo diverso do que conhecemos e, no entanto, nos obriga a confrontá-lo com esse mesmo mundo real. Na contramão desse empenho acadêmico, Damon Knight e Norman Spinrad defendem que FC é qualquer coisa publicada como FC, destacando sua importância como uma categoria editorial presente no mundo real. Numa versão mais econômica, Nelson de Oliveira define ficção científica como “qualquer narrativa que apresente ao menos uma das três características: 1. Elementos da ciência e da tecnologia fundamentando o enredo; 2. Ícones, tipos e estereótipos ligados à ciência e à tecnologia: a astronave, o alienígena, o androide, o ciborgue, a inteligência artificial, a máquina do tempo, a realidade alternativa etc.; 3. Uma grande reformulação da sociedade, de natureza utópica ou distópica” (Oliveira, 2018, p. 11).

Apesar dessas considerações, desde cedo a FC passa a ser rotulada como gênero menor porque nunca chegaria a ser aceita pela *intelligentsia* literária, e isso fez com que autores e editores evitassem o uso do termo. Característica que se estende até a atualidade e se reflete em várias áreas, seja entre editores, em concursos literários ou entre os leitores (Stableford; Clute; Nicholls, 2021).

O fato é que a FC nasceu da fusão de vários gêneros, da utopia à aventura espacial. Surge como proposta de visão do futuro, mas com o tempo foi se modificando, trazendo para si o deslocamento do mundo real através do tempo e do espaço, deixando a “responsabilidade” de usar o futuro para nos ensinar sobre o presente e acoplando, às temáticas científicas, outras de cunho social, sociológico, antropológico, de gênero, raça, ambientais, entre outras.

Ficção científica no Brasil

No Brasil, a FC existe desde o século XIX, mas ganha força na década de 1930, com o início da industrialização brasileira. As primeiras revistas *pulp* brasileiras tiveram influência direta das revistas americanas e foram produzidas no período de 1934 a 1968. Athos Eichler Cardoso as chamava de “revistas de emoção”, publicações comercializadas na forma de suplementos e que, gradativamente, foram conquistando espaço entre os leitores nacionais: *Romance Mensal: Uma Revista Diferente das Outras, Aventura e Mistério, Detetive, A Novela, Mistérios, X9 e Meia-Noite*. Todas traziam histórias vinculadas ao universo anglo-americano e raramente ao brasileiro (Cardoso, 2009).

A primeira revista brasileira de FC foi *Fantastic*, publicada de 1955 a 1961, versão autorizada da homônima revista americana. A edição trouxe uma narrativa brasileira sobre o mito do caboclo d'água, assinada pelo redator-chefe da revista, Zaé Júnior. Nos anos de 1970 e 1971, a temática brasileira se amplia com a circulação do *Magazine de Ficção Científica*, trazido pelas mãos do editor Jeronymo Monteiro, que publicava uma história brasileira a cada número, totalizando 20 histórias nacionais publicadas em dois anos. Prática seguida de longe pela *Isaac Asimov Magazine: Contos de Ficção Científica* (1990-1993), que, apesar de mais tempo em circulação e com 25 números, publicou somente 16 histórias brasileiras.

O primeiro romance brasileiro de FC foi *O doutor Benignus* (1875), do português naturalizado brasileiro Augusto Emílio Zaluar, admirador das obras de Verne. Relata as aventuras do doutor Benignus, médico e cientista amador, e uma comitiva de 30 pessoas que participam de uma expedição com a esperança de encontrar o pai dele, o inglês William River, que possivelmente havia sido preso por indígenas no interior do Brasil. Enquanto percorrem as matas de Minas Gerais e de Goiás à procura de indícios de extraterrestres, observam e descrevem o céu e os planetas. Ao observar Marte por seu telescópio, Benignus identifica florestas e conclui que o planeta avermelhado seria habitado. Adiante, ele reconhece as manchas da superfície do Sol e diz que seu núcleo também poderia ser habitado, pois não teria a mesma consistência que a superfície. Como Zaluar, muitos escritores brasileiros sofreram influência de Júlio Verne e H. G. Wells.

Em 1988, Ivan Carlos Regina, imbuído do espírito transgressor da Semana de Arte

Moderna de 1922, escreve o *Manifesto antropofágico da ficção científica brasileira*. O documento é um marco importantíssimo para a FC brasileira porque clama para a urgência de trazer temáticas nacionais para as publicações de FC. Regina impulsionou, com esta ação, a geração de autores da Segunda Onda da FC brasileira:

“A ficção científica brasileira não existe. A cópia do modelo estrangeiro cria crianças de olhos arregalados, velhinhos tarados por livros, escritores sem leitores, homens neuróticos, literaturas escapistas, absurdos livros que se resumem a capas e pobreza mental, colônias intelectuais, que procuram, num grotesco imitar, recriar o *modus vivendi* dos países tecnologicamente desenvolvidos. A ficção científica nacional não pode vir a reboque do resto do mundo. Ou atingimos sua qualidade ou desaparecemos. A produção literária brasileira, no gênero de FC, à exceção de reduzido rol de obras, é de uma mediocridade horripilante. Uma mula sem cabeça cospe fogo radioativo pelas ventas” (Regina, 1993, p. 10).

Também agitando a Segunda Onda, colado intuitivamente ao manifesto, estava o subgênero tupinipunk (1989), termo criado por Roberto de Sousa Causo (2013) para apresentar o *cyberpunk* à moda brasileira.

Nos anos de 2000 surge a revista *Quark*, produto inteiramente local, brasileiro, que não era versão de uma revista americana, publicando mais histórias nacionais do que traduções, logo seguida pela concorrente *Sci-fi News Contos* (2001), que também publicava somente histórias locais.

Os romances de FC brasileiros “pipocam” com alguns precursores, mas, no sen-

tido estrito do conceito de *sci-fi*, surgem somente após 1930 e florescem a partir de 1960, com as Edições GRD, nome da editora pioneira na publicação de livros de ficção científica no país, cuja sigla vem do nome do editor e proprietário Gumercindo Rocha Dorea (1924-2021).

Segundo Oliveira, apesar de haver um número cada vez maior de autores brasileiros talentosos, a FC aqui produzida ainda sofre de *invisibilidade* por parte de leitores, editores, críticos e acadêmicos, mais por preconceito de acreditar que “se é coisa brasileira é ruim” que por não dispor de qualidade. Ele vê na ficção científica a verdadeira literatura marginal brasileira:

“Hoje, a periferia e a favela são temas constantes não apenas na literatura, mas também na canção, na tevê e no cinema brasileiros. Essa literatura produzida pela parcela mais pobre da sociedade, expressando seus dramas e suas tragédias particulares, já foi acolhida e legitimada pelas autoridades culturais. Uma vitória bem-vinda” (Oliveira, 2018, p. 15).

O acesso às publicações independentes de certa forma democratizou o mercado editorial, trazendo novos nomes à cena, e não somente a periferia das grandes cidades é retratada, mas também temas específicos antes não presentes nesse universo. Novos subgêneros, com uma visão mais otimista de futuro, eclodem pelo Brasil, dando ênfase a temáticas regionais do Nordeste e da Amazônia brasileira, logo, fugindo do eixo Rio-São Paulo e apontando para o que alguns (como o pesquisador Alexander Meireles da Silva) classificam como a Quarta Onda da FC Brasileira.

São muitos os subgêneros e correntes da FC nacional e todos possuem temas e identidade visual próprios: *cyberpunk*, exobiológica, FC *hard*, imortalidade, inteligência artificial, *new weird*, primeiro contato, realidade paralela, satírica, *space opera*, viagem no tempo, ufológica, esotérica, tupinipunk etc. Nascidos mais recentemente, do movimento de expansão da FC pelo Brasil, estão: solarpunk, cyberagreste, o sertão-punk, o amazofuturismo e o afrofuturismo. É muito comum que ocorra desses subgêneros se mesclarem, exigindo que o leitor mais atento identifique qual tem predominância no texto para fazer classificações à luz de cada um deles.

Vale observar que ao menos nove subgêneros da FC trazem a característica de serem *punks*. Há um elemento de rebelião no uso do termo e as personagens principais costumam ser membros marginalizados da sociedade, remetendo ao sentido original da palavra.

Passarei a discorrer brevemente sobre alguns subgêneros mais atuais e em expansão no Brasil, por serem símbolos de produções que fogem ao eixo Rio-São Paulo e apontam para um novo movimento no Brasil.

O solarpunk é um movimento estético derivado do *cyberpunk*, que aborda questões climáticas (desmatamento, desenvolvimento sustentável, entre outras) e dinâmicas sociais (desigualdade social, acesso à água, entre outras). Com uma visão de um futuro promissor, imagina mundos com produção de energias inesgotáveis e ausência de danos para os ecossistemas:

“Solarpunk é um subgênero que tem a questão de criticar o sistema mostrando o que poderia ser se esse sistema não existisse. É um subgênero *punk* bem otimista, e que é focado na questão do desenvolvimento sus-

tentável, uma coisa que é importante para o Nordeste, por conta de boa parte do Nordeste ter problemas com recursos hídricos. Como se a gente vivesse numa seca, que para vivermos temos que saber manejar recursos hídricos” (Diniz, 2021).

O cyberagreste surgiu com as ilustrações do gaúcho Vitor Wiedergrum, que associou o subgênero *cyberpunk* com elementos do Nordeste brasileiro, principalmente o canção e a miséria dos retirantes. Como literatura representativa do subgênero, temos o livro de quadrinhos *Cangaço overdrive* (2018), que, com roteiro de Zé Wellington e ilustrações de Walter Geovani, apresenta narração em forma de cordel, com batalhas nas quais próteses cibernéticas e a conexão absoluta são a realidade. Também são exemplos possíveis os contos “Filhos do metal e da caatinga”, de Laisa Ribeiro, na coletânea *2084: mundos cyberpunks* (2019), com organização de Lídia Zuim, e, evidentemente, as histórias “Os olhos do cajuzeiro”, de G. G. Diniz, e “SCHIZOPHRENIA”, de Alan de Sá, em *Sertãopunk: histórias de um Nordeste do amanhã* (2022).

Esse subgênero recebe críticas por apresentar uma visão estigmatizada do Nordeste. Segundo Chico Milla, em texto na Rede Alagadiço – Plataforma Artística Cearense, o subgênero traz o

“[...] esvaziamento dos símbolos regionais reforçando o uso do ‘belo pelo belo’ sem qualquer aprofundamento [...]; reprodução de exotismo periférico [...] no protagonista branco, homem, cis, hétero, desbravando uma ‘terra de ninguém’; [...] supervalorização da seca, da miséria como únicos problemas dignos de nota [...] o exotismo da zona rural;

[...] o reforço e reprodução dos estereótipos combatidos por parte dos artistas da região há anos, sendo importante ressaltar a imagem de território que ‘precisa de ajuda para chegar a algum lugar’” (Milla, 2021).

O sertãopunk apresenta uma FC nordestina - criado pelos autores G. G. Diniz, Alan de Sá e Alec Silva, o subgênero mistura a cultura nordestina com um futuro fantástico e remete a outros subgêneros *punks*, como *cyberpunk* e *steampunk*. É necessariamente especulativo e trabalha com a cultura dos credos, lendas e religiosidades, tanto afro-brasileiros quanto nordestinos.

A primeira obra publicada no subgênero foi *O sertão não virou mar* (2005), de Liduina Farias Almeida da Costa. Como fundamentos do subgênero, Alan de Sá e G. G. Diniz apontam o realismo mágico, o afro-futurismo e o solarpunk (Sá; Diniz, 2020).

O afrofuturismo nacional partilha de alguns dos mesmos idealizadores do sertãopunk, Alec Silva e Alan de Sá:

“Então tem coisas dos conflitos étnicos do Nordeste que são bem únicos para a região. Se formos olhar a história, o Ceará aboliu a escravidão quatro anos antes do resto do Brasil. Aqui nós temos conflitos étnicos que são bem únicos da região em relação aos negros e aos povos originários. Afrofuturismo não contempla os povos originários, mas contempla pessoas negras” (Diniz, 2021).

O amazofuturismo nasceu com as artes visuais do ilustrador João Queiroz (Dutra, 2020), em 2019, através da mistura estética do *cyberpunk* e do solarpunk. O subgênero explora as possibilidades tecnológicas indígenas amazônicas e cria um novo olhar sobre

as antigas lendas de civilizações avançadas escondidas no coração da selva amazônica. O primeiro romance de FC publicado neste subgênero é *Amazofuturism* (2021), de Rogério Pietro. Segundo o autor, o subgênero é definido por quatro pilares fundamentais:

“Primeiro pilar: os indígenas, a etnia ou o povo representado, seja real ou fictício, deve ser da selva amazônica. Do contrário não seria amazofuturismo. Obras de arte futuristas sobre povos indígenas de outras localidades podem receber novas denominações. Segundo pilar: a tecnologia indígena deve ser inovadora e única. O simples fato de dar aos personagens telefones celulares ou computadores não caracteriza o amazofuturismo. Pelo contrário, o uso de tecnologias tipicamente usadas por outros povos seria apenas uma descaracterização da cultura indígena. Terceiro pilar: os avanços tecnológicos devem estar em harmonia com o meio ambiente. A sociedade indígena amazofuturista deve ser utópica, voltada para o bem-estar dos habitantes e sempre respeitar a selva e os animais. Se uma sociedade indígena amazônica for retratada com um olhar distópico, em que o meio ambiente e a sociedade foram degradados, então o termo amazofuturismo não pode ser usado. Esse tipo de visão talvez pudesse ser chamado de ‘amazopunk’, o que não é o objetivo do novo subgênero da ficção científica. Quarto pilar: as histórias devem ser contadas do ponto de vista dos personagens indígenas, e não mais do ponto de vista do personagem explorador/colonizador que se deslumbra ao encontrar uma cidade maravilhosa no seio da selva amazônica. Por outro lado, as histórias amazofuturistas não precisam ter autoria exclusiva de escritores ou roteiristas indígenas. O amazofuturismo

vem para unir os povos num ideal estético e conceitual, e não promover a segregação racial” (Pietro, s.d.).

Parece haver um número excessivo de subgêneros na FC; desconsiderando o mérito disso ser interessante ou não para o gênero literário, é inegável que contribui para melhor organizar a diversidade enorme de publicações que a ficção científica abrange na atualidade. Os conceitos se aperfeiçoam com o tempo, trazendo ou subtraindo elementos e, às vezes, se fundindo. O fato é que a FC brasileira se amplia a cada dia com maior quantidade e qualidade de escritores, leitores e obras, necessitando ainda de maior reconhecimento e valorização. E de difusão que a faça ocupar espaços e mercados.

Pode-se observar que esse gênero, que nasce como literatura estrangeira, se encaixa e avança rumo a produções cada vez mais voltadas para temáticas brasileiras, incorporando nossas experiências como povo e nossos valores culturais, elementos fortes e presentes na modernidade. Testemunhamos o momento que inaugura os passos na direção da existência de uma FC com identidade nacional.

OBRAS CONSIDERADAS RELEVANTES PARA A FC NO CENÁRIO INTERNACIONAL E NACIONAL, SEUS TEMAS E SUBGÊNEROS

Cenário internacional

A FC surgiu como gênero literário no século XIX, mas foi gestada no século XVII. Muitas obras foram escritas antes de 1930

na Europa, por esse motivo, algumas delas foram relacionadas abaixo. Três grandes nomes se destacam neste cenário da FC: Júlio Verne, H. G. Wells e Isaac Asimov. Vale o destaque para Mary Shelley, com obra que se tornou um marco da FC numa época em que o cenário literário era predominantemente dominado por homens.

- 1634 – *Somnium*, Johannes Kepler
- 1726 – *Viagens de Gulliver*, Jonathan Swift
- 1818 – *Frankenstein*, Mary Shelley
- 1864 – *Viagem ao centro da Terra*, Júlio Verne
- 1870 – *Vinte mil léguas submarinas*, Júlio Verne
- 1895 – *A máquina do tempo*, H.G. Wells
- 1897 – *O homem invisível*, H. G.Wells
- 1898 – *A guerra dos mundos*, H. G. Wells
- 1901 – *Os primeiros homens na Lua*, H. G. Wells
- 1920 – *RUR: robôs universais de Rossum*, Karel Capek
- 1922 – *Aelita*, Alexei Tolstoi
- 1924 – *Nós*, Yevgeny Zamyatin
- 1925 – *Metrópolis*, Thea Von Harbou
- 1932 – *Admirável mundo novo*, Aldous Huxley
- 1949 – *1984*, George Orwell
- 1944 – *Fundação*, Isaac Asimov
- 1950 – *Eu, robô*, Isaac Asimov
- 1950 – *As crônicas marcianas*, Ray Bradbury
- 1961 – *Solaris*, Stanislaw Lem
- 1963 – *O planeta dos macacos*, Pierre Boulle
- 1968 – *2001: Uma odisseia no espaço*, Arthur C. Clarke

Segundo Léo Godoy Otero (1987, pp. 82-132), a FC se divide em cinco grandes períodos e a cada um deles destaca literaturas voltadas a temáticas específicas, como

se a história influenciasse diretamente as produções literárias e trouxesse temas específicos daquela época. Vale observar que os períodos não são estanques, mesclam-se, são interpenetráveis:

- Período Primitivo (1815-1926) – a FC neste período não existia enquanto forma literária e publicava-se tudo que se assemelhasse a temas de antecipação, como viagens interplanetárias, monstros marinhos e extraterrestres, guerras espaciais. Autores como Mary Shelley, Edgar Allan Poe, Arthur Conan Doyle, Tolstoi, Júlio Verne e H. G. Wells incluem-se nesse período. No final, firma-se o papel de Hugo Gernsback, que, em 1926, edita a revista *Amazing Stories*, entre outras que falavam da paixão pelo progresso tecnológico.
- Período Gernsback (1926-1938) – com especulação de aventuras e inventos tendo por base a biologia, sociologia e psicologia, surge neste período a *space opera* e os heróis dilatam seus feitos no Cosmo, extrapola-se o campo científico e nem sempre existe respeito à precisão científica nas descrições. Abordam-se temas como drogas da inteligência, superação da velocidade da luz, natalidade controlada por laboratórios, drogas da felicidade, consumismo de coisas novas e descarte das velhas, viagens cósmicas, foguetes. Surgem aqui os conceitos de *hard science fiction* e *soft science fiction* – a primeira está vinculada às ciências físicas e naturais (física, astronáutica, aeronáutica, astronomia, mecânica) e a segunda extrapola as ciências do comportamento (antropologia, exobiologia etc.), temas inerentes à FC social. Desse

período, destacam-se os livros *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley (1932), *Fundação*, de Isaac Asimov (1944), e *Sirius*, de Olaf Stapledon (1944).

- Período Social ou de Campbell (1938-1945) – em que o homem surge como empresa, a tripulação é especializada nos diversos setores da técnica, a participação da mulher ocorre numa relação de igualdade, máquinas lógicas, “neuroses robóticas”. Surgem temas como telepatia, imortalidade, gigantismo humano, supermentalidades, viagens no tempo, aranhas inteligentes, entidades capazes de assumir aparências físicas. O livro *Viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift, subsidia a abordagem de John W. Campbell, tido como o pai da FC social.
- Período Atômico (1945-1958) – surge logo após o advento da bomba atômica e a literatura assume uma visão pessimista de mundo. Pululam temas sobre radioatividade, chagas, imperialismo intergaláctico, mutantes ominosos, semicarbonizados. Destacam-se no período *1984* e *A revolução dos bichos*, de George Orwell (1949 e 1945), *O futuro do mundo* e a Série *Fundação* e *Império*, de Isaac Asimov, *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury (1953), e *2001: uma odisseia no espaço*, de Arthur C. Clarke (1968).
- Período Sincrético (1958 – hoje) – período em que se busca a solução para os problemas do planeta, surgem máquinas subjugadas, colonização de planetas, universos paralelos, viagens superiores à velocidade da luz, mutações biológicas, faculdades supranormais, homossexualidade, inteligências superiores que visitam a Terra, máquinas com sentimentos, clones, ciborgues. Destacam-se os livros *A ilha*, de

Huxley (1962), *O androide*, de Henry Kuttner, *Duna*, de Frank Herbert (1965), e *A mão esquerda da escuridão*, de Ursula K. Le Guin (1969). Nesse período, a FC fica mais elaborada e de difícil leitura, com enfoque psicológico e místico.

Segundo Adam Roberts, o lançamento do satélite artificial Sputnik pela União Soviética transformou a viagem espacial em realidade e a missão à Lua com a Apollo em 1969 trouxe entusiasmo e esperança de que o futuro era realidade. No entanto, o desaparecimento de recursos e cortes em investimentos em 1970 reduziu o sonho da viagem espacial a satélites comerciais e militares em órbita da Terra, e a algumas sondas-robô em aventuras um pouco mais longas. Isso fez com que o otimismo da década anterior fosse desaparecendo na década de 1970, adentrando os anos 1980.

Grupos de escritores, desapontados com a realidade, formaram duas correntes na FC: a *new wave* e o movimento *cyberpunk*. A primeira, uma associação informal de escritores das décadas de 1960 e 1970 que produziam FC de vanguarda, com narrativas radicais ou fragmentadas. Segundo Damien Broderick, a *new wave* foi “uma reação contra a exaustão do gênero”. Segundo Roberts, esse movimento pode ser visto como “uma tentativa deliberada de elevar a qualidade literária e estilística da FC”, que pretendia abandonar os padrões da FC tradicional com ênfase no conteúdo antes que no estilo e no tratamento. Época marcada por certo fascínio com o fim dos tempos, novo início cósmico, a vinda da Era de Aquário, ansiedade e medo do aniquilamento nuclear... Uma linguagem da transcendência, com temas que abordam o fascínio pelo valor do messias. Alguns dos

grandes clássicos que marcam o período são *Um estranho numa terra estranha* (1961), de Heinlein, *Duna* (1965), de Frank Herbert, os romances da grande fase de Philip K. Dick, como *Os três estigmas de Palmer Eldritch* (1965), *O caçador de andróides* (1968) e *Ubik* (1969).

Ainda segundo Roberts, houve esforço de muitos escritores para renovar o *novum*, com tentativas de escrever a FC com mais sofisticação literária e mais ambição formal, “de integrar mulheres, minorias étnicas, modos alternativos de vida e sexualidade como expressão do fascínio central da ficção científica”. Helen Merrick estabelece vínculos entre a *new wave* e o impacto do movimento das mulheres sobre a FC.

“[A] invasão feminina com um debate novo e contestado com vigor entre ‘FC *hard*’, estilizada como masculina, e a ‘FC *soft*’, estilizada como feminina do modo [...] talvez faça mais sentido ver a *new wave* como o gênero refletido sobre si mesmo para reconsiderar sua lógica original” (Roberts, 2018).

O livro *The female man* (O homem feminino), 1975, de Joanna Russ, surge como uma utopia feminista e crítica polêmica dos homens e da masculinidade. O período é marcado também por autoras como Margaret Atwood, com o livro *O conto da aia* (1985), em que as mulheres são vítimas das hierarquias repressivas construídas pelos homens em um Estados Unidos ultraconservador; Sheri Tepper, com os livros *O portão para o país das mulheres* (1988), *The waters rising* (A subida das águas; 2010), que trazem preocupações ambientais e as delinquências da relação da humanidade com o mundo natural; Octavia Butler, importante romancista

afro-americana, com o livro *Kindred: laços de sangue* (1979), que trata da experiência da escravidão antes da Guerra Civil.

Na década de 1990, as produções de ficção científica são invadidas por temas dos dias atuais, como questões ecológicas e o que seria um ambiente vital e viável de sobrevivência humana. As séries de romances mais significativas do período foram a trilogia Marte, de Kim Stanley Robinson (1993-1996), e *Confluence* (Confluência), de Paul McAuley (1997-1999).

A FC se expande para as artes visuais. A criação de seres e ambientes virtuais cresce de forma vertiginosa, inserindo a FC em realidades mais tecnológicas. Abordando temas como amizade, escolaridade, socialização fora da família e sexo, em histórias de amor comoventes que filtram o grau de violência e fazem sucesso comercial. Destacam-se nesse período três séries de livros que se transformaram em grandes metáforas globais – *Harry Potter* (1997-2007), de J. K. Rowling, saga *Crepúsculo* (2005-2008), de Stephenie Meyer, e *Jogos vorazes* (2008-2010), de Suzanne Collins. Três sucessos comerciais que dominaram a paisagem editorial, e que continuam a ser lidos, atingindo público diverso. Os dois primeiros estão no campo da fantasia e o terceiro, no da distopia.

Adam Roberts nos traz o conceito do leitor “jovem adulto”. Pessoas entre 25 e 30 anos de idade que continuam gostando de textos, filmes, músicas e games da adolescência. Segundo Roberts, esse público passa a determinar toda uma produção cultural de FC.

Filmes adaptados das histórias em quadrinhos tornam-se campeões de público e bilheteria e são disputadíssimos pelas gran-

des empresas cinematográficas. Os fãs de FC auxiliam na divulgação e formação de opiniões. Exemplos disso são as convenções de quadrinhos da ComiCon nos Estados Unidos, a FinnCon na Europa, e a WorldCon em diversos lugares.

Também segundo Roberts, apesar de não ser sucesso de vendas, o *mainstream* mantém-se como categoria cultural relevante e obras significativas, explorando temas de ficção científica, foram publicadas no século XX. A exemplo da escritora norte-americana Jennifer Egan, com *A visit from the Goon Squad* (Uma visita do Esquadrão Capanga; 2020), que trata de um mundo em colapso climático em um futuro próximo, e *Não me abandone jamais* (2002), de Kazuo Ishiguro, que trata de clones criados em remotos ambientes escolares para fornecer órgãos de transplante.

No século XXI surgem os subgêneros *steampunk*, de retrofuturismo e ficção científica recursiva que, impelido por uma nostalgia dos estilos e condutas da Inglaterra da era vitoriana, propõe a convivência harmônica entre a tecnologia contemporânea e a elegância e as boas maneiras do século XIX; o *new weird*, que surge com um grupo de escritores de fins do século XX, promovendo uma estética irregular e sombria, baseada em uma paixão pelas fantasias de H. P. Lovecraft, Mervyn Peake e M. John Harrison; e a *new space opera*, que inclui o trabalho de escritores que conseguem executar uma FC de aventura, de modo devidamente hábil, combinando pesquisa científica rigorosa com sensibilidade literária. Como exemplos, os autores Paul MacAuley e Alastair Reynolds.

Nas últimas décadas do século XX, a FC torna-se um gênero dominado pela mídia visual, invadindo cinemas e TVs, encon-

trando nessas tecnologias não só um meio de concretizar o seu visual, mas também de materializar a sua própria estética: a princípio mais vinculada à estética do grande teatro e depois criando um senso de espetáculo especificamente cinematográfico.

Ainda segundo Roberts, na década de 1960 foram produzidos menos filmes de FC, em comparação com a década anterior, mas foi criada uma série de filmes inovadores de FC. Como exemplos, *Matango* (1963), de Inishiro Honda; *Fahrenheit 451* (1966), de François Truffaut; *Barbarella* (1967), de Roger Vadim; *2001: uma odisseia no espaço* (1968), de Stanley Kubrick.

A FC audiovisual na TV é encontrada no final da década de 1940 e inícios de 1950. Surge de forma bem amadorística e passa, na década de 1950 e na de 1960, a formatos genéricos como *Science fiction theatre* (1955-1957) ou seriados com episódios independentes. Alguns exemplos: *Além da imaginação* (1959-1964); *Quinta dimensão* (1963-1965); *Os Jetsons* (1962-1963); *Viagem ao fundo do mar* (1964-1968); *Perdidos no espaço* (1965-1968); *Túnel do tempo* (1966-1967); *Jornada nas estrelas* (1966-1969); *Doctor Who* (1963-1989 e 2005 até o presente).

Adam Roberts alerta para uma crescente tendência visual do gênero FC e uma mudança no seu foco textual, que passa de textos individuais vinculados a uma premissa particular para “megatextos”, abrangendo várias mídias (novelas, filmes, seriados de TV, videogames, histórias em quadrinhos, ilustrações etc). A FC passa a aceitar múltiplas adições textuais, como ocorre em *Duna*, de Frank Herbert, e depois passa a ser planejada antecipadamente como megatextos, como ocorre em *Star wars* (1977) e *Matrix*

(1999), por exemplo. O mesmo ocorre com *Doctor Who* e *Jornada nas estrelas*, pois nascem com a premissa de serem moldados em diferentes formatos.

O sucesso de bilheteria e os fãs auxiliam no processo de manutenção da história, gerando novas sequências. Como exemplo, podemos citar os filmes *Planeta dos macacos*; *De volta ao planeta dos macacos* (1969); *Fuga do planeta dos macacos* (1971); *A conquista do planeta dos macacos* (1972); *A batalha do planeta dos macacos* (1973) e assim por diante. O mesmo ocorre com *Alien*, *Matrix* etc.

Nas décadas de 1980 e 1990, surgem os filmes de super-heróis, transferidos da FC dos quadrinhos para o cinema. Exemplos: *Superman* (1978); *Batman* (1989); *Homem-Aranha* (2002), entre outros. Foram franquias relançadas de 2000 a 2010 com grande sucesso de bilheteria.

Os diálogos da FC entre as diversas mídias continuam se ampliando até a atualidade. Se, por um lado, esse crescimento visual enfraquece a prosa da FC, também a fortalece, pois muitos leitores querem ler aventuras do tipo *Star wars* e as editoras atendem às suas necessidades. Segundo Roberts, a FC em prosa da década 1980 retorna em formato às convenções da Era de Ouro, não aos avanços estéticos da *new wave*.

Cenário nacional

No Brasil, a FC chegou tardiamente e se restringiu às grandes cidades por terem maior domínio tecnológico. Nenhuma obra, no estrito conceito de FC, foi escrita antes de 1930, mas tivemos autores que podem

ser considerados precursores no gênero, período que abrange de 1857 a 1957. Passo a discorrer brevemente sobre autores e obras para que se possam aferir as características da FC presentes.

Exemplos mais antigos incluem o conto “O fim do mundo” (1857), de Joaquim Manuel de Macedo; o romance *O doutor Benignus* (1875), de Augusto Emílio Zaluar; o conto “O imortal” (1882), de Machado de Assis. Neste último, o médico homeopata Dr. Leão busca persuadir seus ouvintes – o coronel Bertioga e o tabelião Linhares – sobre a imortalidade de seu pai, Rui de Leão, que teria vivido por 255 anos, entre 1600 e 1855, graças a um poderoso elixir indígena.

O romance *A rainha do ignoto* (1899), de Emília Freitas, narra uma história ambientada no Ceará, com uma sociedade autônoma e altamente desenvolvida de mulheres aventureiras que se vale da hipnose e da capacidade de se comunicar com o além para identificar e ajudar outras pessoas doentes ou oprimidas, tendo como líder Funesta, descrita como criatura mítica local, cheia de mistérios e medo.

O conto “Demônios” (1893), de Aluísio de Azevedo, através de um sonho, descreve de modo delirante o Rio de Janeiro em trevas. O personagem principal vai atrás de Laura, a bem-amada, confessando paixão e comunicando-se ambos por telepatia; transformam-se em quadrúpedes, depois se transmutam em árvores e assim permanecem por séculos, até que a lama se desfaz e surgem novas moléculas e átomos com a geração de outra vida.

O presidente negro (1926), de Monteiro Lobato, é um romance controverso devido às abordagens que faz dos negros – tam-

bém ambientado no Rio de Janeiro, apresenta influências de Wells e Conan Doyle. O escritor provoca um encontro casual entre o protagonista, Ayrton – jovem funcionário de uma empresa no Rio de Janeiro –, com um professor estudioso de física relativística. É-lhe dado conhecer as invenções do cientista, uma máquina do tempo, como a de Wells, que tem a capacidade de desvendar o futuro até o ano de 3527, e um rádio-transporte, que leva as coisas que uma pessoa necessita até sua casa, pelo rádio.

Outro romance, *Viagem à aurora do mundo* (1939), de Érico Veríssimo, sob influência de Wells, apresenta um protagonista que é cientista e constrói um aparelho capaz de revelar a gênese da Terra a partir da captação das mensagens luminosas projetadas no espaço. Sonha com viagens pelo infinito em velocidades superiores à da luz, fotografando tempos passados e futuros, na dimensão espaço-temporal.

No entanto, o *boom* na FC brasileira ocorreu nos anos de 1960, com a chamada Geração GRD (Allen, 1973, pp. 11-2). Esse período foi considerado a Primeira Onda da FC brasileira (Bell e Molina-Gavilán, 2003, pp. 6-8 e 19), abrangendo os anos de 1957 a 1972.

Foram representantes da FC brasileira desta época autores como Jeronymo Monteiro, que nos anos 1930 radiofonizava novelas e escrevia contos de FC em jornais e revistas como *A Cigarra* (1914-1975), com publicação quinzenal em São Paulo. O autor escreveu vários livros com temáticas de FC, dentre eles, *Os visitantes do espaço* (1963), em que alienígenas reluzentes de um dos satélites de Júpiter vêm à Terra para retirar um pouco do hidrogênio de nossa atmosfera. O que fazem, mas no

processo os humanos levam uma lição de solidariedade universal dos viajantes. Ainda de Jeronymo Monteiro, *3 meses no século 81* (1947), romance com influência direta de Wells, em que o personagem Campos se depara com um futuro muito diferente do esperado e deverá mostrar à humanidade o que realmente importa. Fausto Cunha, com a coletânea de contos *As noites marcianas* (1960). Dinah Silveira de Queiroz, com *Eles herdarão a Terra* (1960), livro com cinco histórias, com invasões extraterrestres e mãos decepadas. E André Carneiro, que escreve vários livros de contos, com destaque para a noveleta “A escuridão” (1963), que trata de um mundo sem luz, sem causas explicáveis, onde os cegos, como únicos habituados a viver no escuro, relevam-se.

A Segunda Onda da FC brasileira surge após o período da ditadura militar, na década de 1980, período de 1982 a 2015, também chamado de período do renascimento da FC. Vários escritores aparecem em fanzines como *Somnium*, *Hiperespaço*, *Boletim Antares* e em organizações de fãs como o Clube de Leitores de Ficção Científica.

Vale destacar neste período os autores Jorge Luiz Calife, com o romance *Padrão de contato* (1985), uma ópera espacial seguida de outros dois romances: *Horizonte de eventos* (1986) e *Linha terminal* (1991). Traz uma visão otimista da raça humana, onde uma mulher, com nome brasileiro de “Angela Duncan”, é guardiã do universo; Braulio Tavares, com *A espinha dorsal da memória* (1989), uma das melhores coletâneas de contos de FC brasileira; Fausto Fawcett, com seu primeiro romance *Santa Clara Poltergeist* (1991), com elementos *cyberpunk*, de *psipowers* e *near future*; Roberto de Sousa Causo, com a noveleta *Patrulha para o des-*

conhecido (1991), FC militar que fala dos pracinhas da FEB e o encontro com estranhos habitantes durante a Segunda Guerra Mundial, na Itália; Ivan Carlos Regina e sua coletânea *O fruto maduro da civilização* (1993), que inclui o *Manifesto antropofágico da ficção científica brasileira*, e textos de humor sarcástico como carro-chefe da FC; Finisia Fideli, com “O ovo do tempo” (1994), conto delicado e bem-humorado sobre uma bióloga que adquire um geodo que a conduzirá ao contato com um viajante do tempo; Gerson Lodi-Ribeiro, com *O vampiro de Nova Holanda* (1997), história alternativa que passa pela presença holandesa no Nordeste brasileiro e a de escravos fugidos de Palmares a quem o vampiro se alia. Fábio Fernandes, com o romance curto *Os dias da peste* (2009), que trata de singularidades tecnológicas; Ivanir Calado, com o livro de contos *Anjos, mutantes e dragões* (2010), que aborda os subúrbios cariocas com alternâncias entre suspense, humor, drama e especulação intelectual.

A Terceira Onda da FC brasileira surge a partir de 2004 com vários autores jovens querendo fazer parte desse universo. O advento da internet estimulou esses autores, e surge a comunidade “Ficção Científica” no Orkut, fundada por Fábio Fernandes (2004). Com nomes como Fábio Medeiros, com *Quintessência* (2004); Cristina Lasaitis, com *Fábulas do tempo e da eternidade* (2008); Tibor Moricz, com *Fome* (2008), uma das obras mais violentas da FC brasileira. E ainda Lady Sybylla e Aline Valek, com *Universo desconstruído* (2013), uma das primeiras antologias com contos de viés feminino ou feminista no Brasil. Foi um período de muita efervescência, com ampliação de publicações e experimentações de novas

narrativas. O representante mais significativo deste período é “Luiz Bras”, pseudônimo de Nelson de Oliveira, vencedor do Prêmio Casa de las Américas, com *Fábulas* (contos, 1997) e editor das revistas do Projeto Portal (2008-2010), com as quais fomentou a ponte entre FC e *mainstream*, refletindo o debate no jornal literário *Rascunho* sobre o tema.

Nesse grupo estão os atuais escritores de FC. Alguns nomes da Segunda Onda se uniram aos novos nomes e ampliaram as vozes pelo território nacional. Os *blogs*, internet, revistas eletrônicas, *podcasts* e pequenas editoras, com um número cada vez maior de publicações de coletâneas e antologias – como a coleção Futuro Infinito (Bras, 2019-2023), que reúne autores da antiga e da nova geração, incluindo a comunidade LGBTQIA+ – muito contribuíram e contribuem para esta expansão que avança com diversidade de gêneros, autorias e espaços fora das grandes capitais.

Atualmente, fala-se do surgimento da “Quarta Onda” da FC brasileira. Segundo o professor Alexander Meireles da Silva (2021): “Quarta Onda pode ser entendida pela afirmação e celebração das diversidades socioculturais e regionais do Brasil, formalizada pela maior presença na cena literária de escritores e escritoras negras ligadas ao afrofuturismo e a ascensão de movimentos como o amazofuturismo e o sertãopunk”.

Caracteriza-se este momento como de expansão da FC brasileira, com a vinda à tona de vozes antes alijadas tanto do processo de produção, como de divulgação e premiação no cenário nacional da FC. Também como momento de resgate de uma nacionalidade, no sentido de abarcar um maior número de autores, gerando o surgimento do que Lidia Zuin chama de novas

configurações da ficção científica no Brasil na segunda década do século XXI:

“Hoje, já na quarta onda da ficção científica brasileira, vemos autores que exploram subgêneros populares atualmente, como o afrofuturismo, no qual se destaca a obra *O caçador cibernético da Rua 13*, de Fábio Kabral, ou o romance *steampunk* de *O baronato de Shoah*, de José Roberto Vieira, ou a versão LGBT, a partir de movimentos como o Manifesto Irradiativo. E acontece nestes dias a ascensão de uma nova frente especulativa: o cyberagreste” (Zuin, 2019).

Com esses movimentos, novos olhares se somam ao cenário brasileiro, desvelando regionalidades na fala de autores daqueles lugares. Nesta medida, um amazonense poderá falar de uma lenda regional viva, como o Mapinguari (monstro amazônico), excluindo dela o sentido pejorativo que a palavra “folclore” possa apresentar. São outros olhares apresentando outras possibilidades, trazendo riqueza à produção nacional. Isso não significa que exista unanimidade, mas sim diversidades nos olhares e vozes.

A Quarta Onda surge a partir de 2010 e vem com esse viés de amplitude e diversidade, assim como de democratização do acesso, produção e divulgação na literatura especulativa brasileira, para que seja mais inclusiva. Em prol desta diversidade nacional surge o Manifesto Irradiativo.

“O mundo do papel e das telas ainda é dominado por homens cis brancos fazendo o que sempre fizeram e refazendo o que sempre fizeram. É por isso que acreditamos numa forma de tomar isso de assalto, fazendo barulho com o que temos e o que

podemos para mudar esse cenário. Queremos que a literatura de gênero evolua, que abrace todas as pessoas do mundo e não apenas uma minúscula parte dele” (Anotsu; Vieira, 2015).

Esse movimento traz à tona a importância de todos serem representados na literatura, sem distinção, demonstrando um amadurecimento da FC brasileira. Como afirma Alexander Meireles da Silva (2021): “Mais do que nunca, podemos dizer que a FC nacional reconhece hoje na multiplicidade cultural do seu passado e presente as ferramentas de construção de seu futuro”.

Temas e subgêneros da ficção científica

A ficção científica tem como principal tema a ciência, seja na literatura, no cinema, em HQ ou outra forma de linguagem. Ciência entendida num sentido mais amplo, que envolve vários campos do conhecimento humano, como a filosofia e a fantasia, entre outros.

São muitos os subgêneros da FC, como também muitos os seus temas, e eles aumentam cada vez mais o seu grau de complexidade. Adoto aqui o critério de organização de alguns subgêneros com certa ordem cronológica e brevíssimas caracterizações da época, lembrando que não são territórios estanques, podendo se mesclar numa mesma obra.

- *Viagem no tempo* (século XIX) – produções baseadas no conceito de mover-se para trás e para frente na linha do tempo, de um modo análogo à mobilidade

- pelo espaço. Temas como máquinas do tempo, conceitos de física que possibilitam viajar no tempo com buracos de minhoca, universos paralelos, dobra do tempo, criação de novas realidades, alterar passado, memórias, desaceleração ou aceleração no tempo... H. G. Wells é um dos responsáveis pela popularização do conceito com seu romance *A máquina do tempo*, publicado em 1895; série de TV *Dark* (2017); conto “O buraco de minhoca”, de Romy Schinzare (2018);
- *Satírica* (surge no século XIX, por volta de 1868) – ficção que se apropria dos principais elementos dos outros subgêneros, exagerando-os ou distorcendo-os. Tem como estratégias: ridicularizar loucuras, abusos e falhas; envergonhar indivíduos, corporações, governo ou a própria sociedade em melhoria. Exemplos: romance *O doutor Benignus*, de Augusto Emílio Zaluar (1875); conto “O sr. Info e dona Ninfo”, de Ivan Carlos Regina (1993);
 - *Pós-apocalipse* (início do século XIX) – às vezes abreviada como “pós-apo” ou “pós-nuclear”, costuma ser associada ao subgênero *distopia*. Retrata a vida após um desastre que destruiu a civilização: guerra nuclear, colisão de meteorito, epidemia, colapso de economia ou energia, pandemia, invasão alienígena etc. Os sobreviventes precisam seguir em frente e aprender as novas regras de sociedade, sobrevivência e vivência nessa nova realidade. Temas: relação entre civilização perdida e o novo caos, confrontos de realidades sociais, discurso original sobre o real etc. Largamente explorada em filmes e afins. Exemplos: *Guia do mochileiro das galáxias*, de Douglas Adams (1979); *A máquina do tempo*, de H. G. Wells (1895);
 - *Utopia* (final do século XVII) – nasce com viés socialista, envolve um mundo ou sociedade ideal em tudo. Pode haver situações de conflito, mas a ideia é que esse lugar é regido pelas melhores leis, pelas melhores pessoas, um espaço de conforto e de paz porque tudo está bem. Temas: inventos e experimentos, projeções embasadas nas ciências que, mesmo longínquas, são possíveis de se tornarem reais. Exemplos: *Notícia de lugar nenhum*, de William Morris (1890); *Terra das mulheres*, de Charlotte Perkins Gilman (1915);
 - *Mundo perdido* (final do século XIX e início do século XX) – diz respeito à descoberta de lugar remoto e inexplorado que permaneceu “fora do tempo”, isolado do resto do mundo conhecido, mas conservando características extraordinárias arcaicas ou completamente anacrônicas graças ao seu isolamento. Temas: dinossauros, répteis pré-históricos; lugares exóticos – cidades localizadas nas cavidades profundas da Terra ou civilizações antigas escondidas na selva, ilhas distantes ou vales inacessíveis que preservam um fragmento do passado. Exemplos: *Viaagem ao centro da Terra*, de Júlio Verne (1864); *A cidade perdida*, de Jeronymo Monteiro (1948); *O mundo perdido* (1912), de Arthur Conan Doyle;
 - *Distopia* (início do século XX) – lugar no espaço ou no tempo em que a vida e a vivência são terríveis, com uma organização opressiva, comandado por um governo totalitário, onde os direitos são poucos e a voz das pessoas quase não é ouvida. Sociedade visivelmente dividida, onde a elite detém o privilégio supremo e as castas mais baixas são fadadas ao horror e ao esquecimento. Temas: dile-

mas morais, crítica social, discurso pessimista que flerta com a esperança, violência banalizada e generalizada. Exemplos: romance *1984*, de George Orwell (1949); romances *Piscina livre* e *Amorquia*, de André Carneiro (1980 e 1991);

- *História alternativa* (século XX) – a trama transcorre num mundo no qual a história possui um ponto de divergência da história como nós a conhecemos. Faz a seguinte pergunta: “O que aconteceria se a história tivesse transcorrido de maneira diferente?”. A maioria das obras do gênero é baseada em eventos históricos reais, ainda que aspectos sociais, geopolíticos e tecnológicos tenham se desenvolvido diferentemente. A noveleta *A ética da traição* (1993), de Gerson Lodi-Ribeiro, é considerada um clássico moderno;
- *Ficção científica hard* (século XX – por volta de 1950) – as histórias são centradas em tramas com plausibilidade nos seus elementos científicos, com tecnologias e eventos possíveis. Prioriza as ciências exatas (física, química, matemática etc.) e alguns de seus temas são: personagens cientistas, engenheiros, astronautas; fenômenos astronômicos e físicos; uso da tecnologia como solução do problema, precisão técnica, conjuntos consistentes de leis da física em universos alternativos; naves espaciais. Exemplos: *Fundação*, de Isaac Asimov (1944), e *2001: Uma odisseia no espaço*, de Arthur C. Clarke (1968);
- *Ficção científica soft* (século XX – final da década de 1970) – associada à ficção científica *new wave*, tende a focar personagens humanas, seus relacionamentos e sentimentos. Faz uso das ciências humanas (filosofia, sociologia, psicologia etc.). Cai no campo das coisas que os cientis-

tas consideram impossíveis. Tem como temas a telepatia, viagem mais rápida do que a luz, parapsicologia. Série *Duna*, de Frank Herbert (1965), é um marco da ficção científica *soft*; *Não chore*, novela de Luiz Bras (2016).

- *Space opera* ou *novela espacial* (século XX – 1960 e 1970) – enfatiza aventuras e batalhas interplanetárias. Geralmente se situa no espaço sideral ou num planeta distante. Tem como temas: espaçonaves que voam distâncias ilimitadas em curto espaço de tempo, planetas com formas de vida exóticas, alienígenas, armas de raios, robôs, carros voadores, forças paranormais, energias capazes de destruir planetas, estrelas e galáxias inteiras. Exemplos de filmes no gênero são *Star wars* e *Star trek* e os romances *Glória sombria* e *Shiroma, matadora ciborgue*, de Roberto de Sousa Causo (2013 e 2015).
- *Feminista* (século XX – Brasil, anos 1970) – lida com o papel da mulher na sociedade, levanta pontos sobre as questões sociais como a forma pela qual se constrói os papéis de gênero, qual o papel da reprodução na definição de gênero e o poder político e pessoal desigual entre homens e mulheres; aborto, machismo, racismo, homofobia, transfobia, preconceito com a literatura produzida por mulheres. Temas comuns: sociedades utópicas e distópicas, patriarcalismo, papel da mulher na sociedade etc. Exemplo: coletânea *Universo desconstruído*, organização de Lady Sybylla e Aline Valek (2013);
- *Steampunk* (século XX – 1980 e 1990) – também conhecido como *vaporpunk* ou *tecvapor*, ocorre no período da Revolução Industrial e trata de obras ambientadas no passado em que os paradigmas

tecnológicos ocorreram mais cedo que os registrados na história. Uma realidade alternativa em que a tecnologia mecânica a vapor evoluiu até níveis impossíveis. Temas recorrentes: máquina a vapor, fabricações em madeira, cobre e bronze, amplo uso de engrenagens, personagens com indumentárias vitorianas. Um exemplo é o romance *A lição de anatomia do temível dr. Louison*, de Enéias Tavares (2014);

- *Cyberpunk* (século XX – anos 1980 e 1990) – apresenta cenário *high-tech*, repleto de computadores fundidos a seres humanos. As pessoas passam a maior parte do tempo em espaço virtual. Envolve uso de alta tecnologia e situações de baixa qualidade de vida. Tem como temas o cérebro humano, neuropróteses, computadores, empresas multinacionais, sistema totalitário, inteligência artificial, *hackers*, internet, cibernética, música eletrônica, ambientes de subcultura e vandalismo, realidade virtual, tecnologias da informação, ciberespaço, luzes de néon, cidades altamente tecnológicas, chuvosas e decadentes. Exemplos de filmes no gênero: *Blade runner* e *Matrix* (1982 e 1999);
- *New weird* (século XX – década de 1990) – mistura ficção científica, horror e fantasia, não raro absorvendo elementos também da ficção policial. Normalmente é uma história urbana, que flerta com o surrealismo. Temas: cultura de rua moderna com mitologia, bizarrice, quebra de padrões, mistérios. Podemos traçar sua genealogia até H. P. Lovecraft; *O alienado*, romance de Cirilo S. Lemos (2012);
- *Biopunk* (última década do século XX) – subgênero do *cyberpunk*, se passa em um futuro próximo com consequências não

intencionais da revolução da biotecnologia. Explora as lutas de indivíduos ou grupos, muitas vezes o produto da experimentação humana, em um cenário de governos totalitários e megacorporações que abusam de biotecnologias como meio de controle social e de especulação. Tem como temas: DNA, tecnologia da informação, biologia sintética, indivíduos modificados, clínica, laboratório ou hospital com prática ilegal, manipulação genética, modificação biológica dúbia, lucro. Exemplo: *A ilha do doutor Moreau*, de H. G. Wells (1896);

- *Exobiológica* (meados do século XX) – trata da possibilidade de vida em espaços extraterrestres, levando em consideração desde a origem dessas formas de vida até as condições ambientais para sua existência. Tem como temas extraterrestres com variações da forma humanoide, outras formas de civilizações e organizações sociais, organismos microscópicos (vírus, príons) trazidos para o universo macroscópico, evolução da vida, atividades neurológicas e formas de vida, relação dos seres com o meio ambiente, simetria e estrutura corporal. Exemplo de conto no gênero: “Quando murgau A.M.A. murgau”, de Ivan Carlos Regina (1993).
- *Esotérica* (meados do século XX) – narrativa que aproxima o conhecimento mensurável (ciência) do conhecimento paranormal (ocultismo). Temas no gênero são crenças, superstições, misticismos etc. Exemplo: livro *9225: ficção da nova era*, de Regina Sylvia, edição independente lançada em 1989.
- *Ufológica* (meados do século XX) – narrativa sobre o fenômeno dos discos voadores, normalmente avistados em condições imprecisas, podendo ou não ocorrer

- uma abdução alienígena. Temas: objetos voadores não identificados (OVNIs), alienígenas. Exemplo: o romance *O homem que viu o disco voador*, de Rubens Teixeira Scavone (1958);
- *Universo paralelo* (meados do século XX) – sobre outro(s) universo(s), separado(s) do nosso, mas com pontos de contato, em certos casos, formando um multiverso. Temas: outra(s) dimensão(s), hiperespaço, atalho mais rápido que a luz, viagem interestelar, viagem no tempo, elementos fantásticos e surreais etc. Exemplo: conto “O jardim dos caminhos que se bifurcam” (1941), de Jorge Luis Borges (trabalha com labirinto temporal);
 - *Vida extraterrestre* (século XX) – narrativa sobre viagens a outros planetas e sobre os seres vivos, inteligentes ou não, que vivem lá. Temas: extraterrestres, viagens interplanetárias, formas de vida que podem variar desde simples organismos a humanos, vírus etc. Exemplos: contos “Exercícios de silêncio”, de Finisia Fideli, e “Zayn”, de Romy Schinzare.
 - *Imortalidade* (século XX) – narrativa em que a biotecnologia investiga certos meios de neutralizar o processo de envelhecimento, com o objetivo de aumentar indefinidamente a expectativa de vida. Temas: longevidade, imortalidade, programas tecnológicos, implantes tecnológicos, engenharia genética, *backups* automáticos de consciência, *chips*, *mind upload* etc. Exemplos: livro/série de TV *Carbono alterado*, de Richard Morgan (2002); “Paraíso líquido”, conto de Luiz Bras (2010);
 - *Inteligência artificial* (século XX) – fala de *softwares*, robôs e andróides tão ou mais inteligentes do que os seres humanos que os criaram. Temas: computado-
- res com inteligência artificial avançada, máquinas, humanoides, programas de tecnologia avançados, redes neurais artificiais, dispositivos tecnológicos. Exemplos: *Eu, robô*, de Isaac Asimov (1950); no cinema, *O exterminador do futuro*, de James Cameron (1984);
- *Primeiro contato* (século XX – 1927) – narrativa sobre o primeiro encontro entre humanos e alienígenas. Temas: raças avançadas, viagens interestelares, encontros com raças predatórias, choque cultural, extraterrestres, naves espaciais etc. Exemplos: romance *Guerra dos mundos*, de H. G. Wells (1897); conto “A nuvem”, de Ricardo Teixeira (1994);
 - *Retrofuturismo* (século XX – no final da década 70) – reúne os diversos *punks* retrôs derivados do *cyberpunk* e do *steampunk*: *stonepunk*, *clockpunk*, *decopunk*, *dieselpunk*, *atompunk* e *solarpunk*. Traz como temas histórias ambientadas num passado alternativo, como cidades suspensas em nuvens ou a milhares de metros do chão, carros voadores, armas de raios, estradas intergalácticas, robôs com funções domésticas etc. Exemplos: “Veneza em chamas”, conto de Ana Cristina Rodrigues; animação de Hanna Barbera *Os Jetsons* (1962-1963).
 - *Afrofuturismo* (século XX – 1990) – narrativa que combina ficção científica e cosmologia africana. Temas: arte e cultura africana. Vai além da literatura, incluindo pintura e fotografia. Exemplos: romance *O caçador cibernético da Rua 13*, romance de Fábio Kabral (2017); filme *Pantera Negra* (2018);
 - *Solarpunk* (século XXI – 2008) – movimento estético derivado do *cyberpunk*, aborda questões climáticas (desmata-

mento, desenvolvimento sustentável, entre outras) e dinâmicas sociais (desigualdade social, acesso à água, entre outras). Com uma visão de um futuro promissor, imagina mundos com produção de energias inesgotáveis, ausência de danos para os ecossistemas e outros. Exemplo: livro *Solarpunk: histórias ecológicas e fantásticas em um mundo sustentável*, de Gerson-Lodi Ribeiro, ed. (2013);

- *Amazofuturismo* (século XXI – 2019) – explora as possibilidades tecnológicas indígenas amazônicas, cria um novo olhar sobre as antigas lendas de civilizações escondidas no coração da selva. Temas: flora e fauna amazônicas, cocares sagrados dos indígenas, pinturas corporais com seus significados, respeito à natureza; tecnologias imaginárias, novas,

avanzadas e limpas. Exemplo: primeiro romance *Amazofuturismo*, de Rogério Pietro (2021);

- *Pós-apocalipse* (século XXI) – narrativa ambientada em um mundo quase sem ninguém, devastado por uma guerra ou uma pandemia. Temas: guerra atômica, civilização em colapso, mudança climática descontrolada, evento astronômico de impacto, esgotamento de recursos, revolta cibernética etc. Exemplo: conto “A espingarda”, de André Carneiro (1966);
- *Realidade paralela* (século XXI) – subgênero que trata de outras realidades que coexistem e se comunicam com a nossa, podendo ser acessadas por meio de portais físicos ou mentais. Temas: portais do tempo; outras vidas etc. Exemplo: romance *Matéria escura*, de Jason Dessem (2016).

REFERÊNCIAS

- ALLEN, L. D. *No mundo da ficção científica*. São Paulo, Summus, 1973, pp. 11-2.
- ANOTSU, J.; VIEIRA, V. (Alliah). “Manifesto irradiativo”. 2015. Disponível em: <https://manifesto-irradiativo.wordpress.com/>.
- BELL, A. L.; MOLINA-GAVILÁN, Y. (eds.). *Cosmos latinos: an anthology of science fiction from Latin America and Spain*. Wesleyan University Press, 2003.
- BRAS, L. (org.). Coleção Futuro Infinito, vários títulos. Patuá, 2019-2022.
- CARDOSO, A. E. *As revistas de emoção no Brasil (1935-1949): o último lance da invasão cultural americana*. Trabalho apresentado no IX Encontro de Núcleos de Pesquisa em Comunicação. Curitiba, 4 a 7/set./2009.
- CAUSO, R. de S. “Tupinipunk – cyberpunk brasileiro”. *Ondas nas praias de um mundo sombrio: new wave e cyberpunk no Brasil*. Tese de doutorado. São Paulo, FFLCH-USP, 2013.

- DINIZ, G. G. "Sertãoopunk: ficção especulativa nordestina". Entrevista ao *Jornal Metamorfose*. 2021. Disponível em: <https://www.jornalmetamorfose.com/single-post/ser%C3%A3opunk-fic%C3%A7%C3%A3o-cient%C3%ADfica-nordestina>.
- DUTRA, M. "Amazofuturismo imagina um futuro indígena e cyberpunk". *Ipeneses*. 11/mar./2020. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2020/03/amazofuturismo-imagina-um-futuro-indigena-e-cyberpunk/>.
- GIAROLA, F. R. "O futuro não é mais como era antigamente: representações do futuro em livros e filmes de ficção científica (séculos XIX, XX E XXI)". *Revista Tempos Gerais*. 2016, pp. 63-4.
- MILLA, C. "Sobre o sertãoopunk, minha vó e a Terra da Luz". *Rede Alagadiço*. 2021. Disponível em: <https://redealagadico.wordpress.com/2021/05/10/sobre-o-sertaopunk-minha-vo-e-a-terra-da-luz/>.
- OLIVEIRA, N. de (org.). *Fractais tropicais*. São Paulo, Sesi-SP, 2018.
- OTERO, L. G. *Introdução a uma história da ficção científica*. São Paulo, Lua Nova, 1987.
- PIETRO, R. "Amazofuturismo: A ficção científica ganha o amazofuturismo". *Amazofuturismo*. S.d. Disponível em: <https://amazofuturismo.com.br/>.
- REGINA, I. C. "Manifesto antropofágico da ficção científica brasileira", in *O fruto maduro da civilização*. São Paulo, Edições GRD, 1993, p. 10.
- ROBERTS, A. *A verdadeira história da ficção científica: do preconceito à conquista das massas*. 1ª edição eletrônica. Seoman, 2018.
- SÁ, A. de; DINIZ, G. G., in A. Silva (org.). *Sertão punk: histórias de um Nordeste do amanhã*. 2020.
- SILVA, A. M. da. "Sobre diversidades e regionalidades: a ascensão da quarta onda da ficção científica brasileira". *Memorare*, vol. 8, n. 1. Tubarão, jan.-jun./2021.
- STABLEFORD, B.; CLUTE, J.; NICHOLLS, P. "Definitions of SF", in *The Encyclopedia of Science Fiction*. 4ª ed. 2021. Disponível em: https://sf-encyclopedia.com/entry/definitions_of_sf.
- TAVARES, B. *O que é ficção científica*. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- WESTHFALL, G. "Hugo Gernsback", in *The Encyclopedia of Science Fiction*. 4ª ed. 2021. Disponível em: https://sf-encyclopedia.com/entry/gernsback_hugo.
- ZUIN, L. "Amazofuturismo e cyberagreste por uma nova ficção científica brasileira". *Blogosfera*. 2/set./2019. Disponível em: <https://lidiazuin.blogosfera.uol.com.br/2019/09/02/amazofuturismo-e-cyberagreste-por-uma-nova-ficcao-cientifica-brasileira/>.